

Nossos credores agora vão cobrar

Os maiores bancos americanos devem apresentar a seus acionistas, nesta semana, os resultados financeiros de 1987, que estarão concentrados na "coluna de perdas", por causa das grandes reservas que todos fizeram para cobrir empréstimos problemáticos aos países em desenvolvimento, principalmente ao Brasil.

Mas a ameaça de reclassificação e rebaixamento do Brasil, que era aguardada para hoje, parece ter sido adiada, segundo indicavam, ontem, algumas fontes americanas, confirmando uma impressão deixada pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ao embarcar para o Brasil: a de que enquanto houver negociações; a decisão, que já estaria tomada desde o ano passado, ficará suspensa.

"Depois de enfrentar seus acionistas, os banqueiros estarão menos dispostos, ainda, a emprestar mais dinheiro" — antecipava um banqueiro de Nova York, ontem. "Pelo contrário, a tendência demonstrada com o Brasil, na reabertura das negociações da dívida, na semana passada, deverá ser reforçada: o que os bancos vão querer é o seu dinheiro de volta."

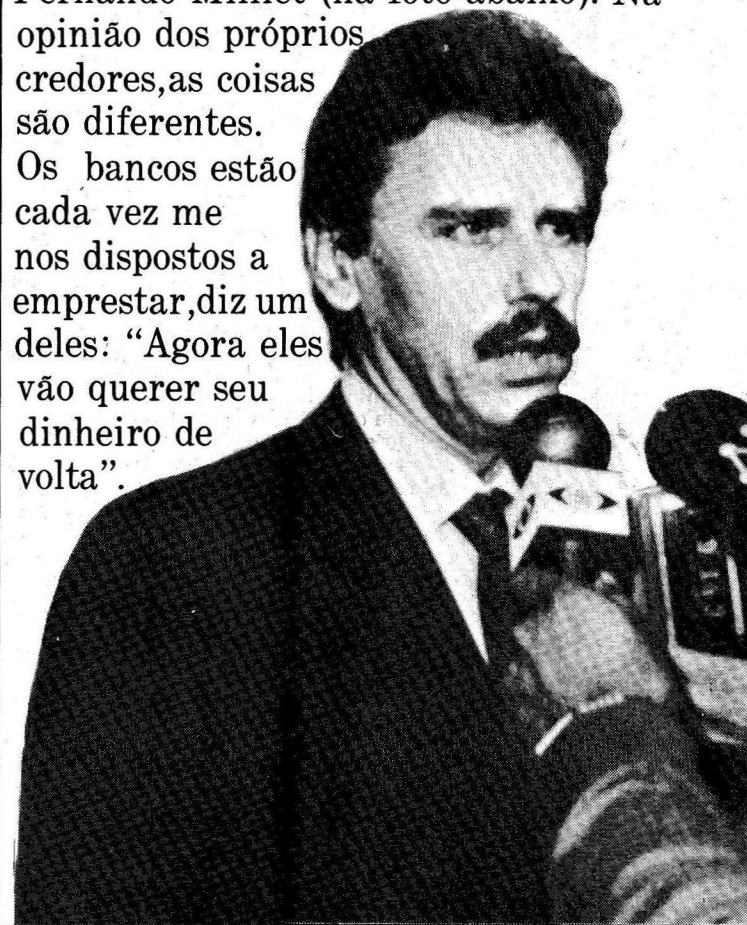
O comitê de bancos credores do Brasil fechou questão em torno do pagamento de US\$ 765 milhões de juros vencendo em janeiro, mesmo que em novembro tenha sido avisado, pelo governo brasileiro, que qualquer pagamento só seria possível com um socorro dos próprios bancos. O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que enfrentou os banqueiros na semana passada, em reuniões muito tensas, voltou ao Brasil para consultas, no sábado, depois de conseguir que as negociações prosseguissem em outras áreas. Ele deve voltar nesta semana para os Estados Unidos.

As negociações ficaram paralisadas ontem, por causa do feriado comemorativo do nascimento de Martin Luther King, e recomeçarão hoje. Não foi realizado nem um encontro a nível de advogados, previsto no sábado, pelo diretor da Área de Dívida Externa do Banco Central, Antonio de Pádua Seixas.

Fora a certeza de que o relatório anual dos grandes bancos agravará ainda mais as relações dos credores com os países altamente endividados do Terceiro Mundo, alguns analistas estão prevendo a necessidade de novas reservas, como alguns bancos regionais começaram a fazer nos últimos dez dias. E isto poderá aumentar ainda mais a má vontade dos banqueiros nas negociações com o Brasil. Para o *The Wall Street Journal* de ontem, o governo brasileiro "endureceu" sua posição ao esclarecer que só poderá retomar totalmente os pagamentos se receber dinheiro novo emprestado, como disse o ministro Máílson da Nóbrega a homens de negócios, na última sexta-feira.

Moisés Rabinovici, de Washington

As negociações do Brasil com os bancos americanos serão boas apenas na opinião do presidente do Banco Central, Fernando Milliet (na foto abaixo). Na opinião dos próprios credores, as coisas são diferentes. Os bancos estão cada vez menos dispostos a emprestar, diz um deles: "Agora eles vão querer seu dinheiro de volta".



O que está por trás dos ataques à indústria da informática

grandeur, laws imorks now denks votre missiwetoo
dos mewks down comunks, no sociedw workOver
consow. Pours lews insvoly. Victul elus ben-kacapan
bwsvar, nows safurb panes calabr olivw. fort gawik
denti buoni. Inaew laws nork in loren los, n. koww

abicompo

O cartaz defendendo a reserva de mercado para a informática